

Relações sintáticas e semânticas na predicação nominal do Wayana: a oração com cópula

Eliane CAMARGO

*CELIA, NHII-USP**

1. A predicação nominal

Em Wayana¹, a relação predicativa nominal entre dois elementos é manifestada por duas construções: uma delas é sem verbo, a outra é marcada pela presença da cópula (**-a/-eha**²), a qual índices pessoais agregam-se. Na primeira construção, é possível justapor:

* Membro do Centro de Estudo de Línguas Indígenas da América (CELIA-CNRS) e do Núcleo de História Indígena e do Indigenismo – Universidade de São Paulo (NHII-USP). As primeiras análises do predicado nominal foram apresentadas no Programa de Sintaxe na Amazônia-CELIA (2001) e no estudo sobre ‘a representação do tempo wayana’, este financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (PD, FAPESP). Comentários de diferentes leitores foram fundamentais para a reflexão de muitas das análises apresentadas; um profundo agradecimento a todos.

¹ Língua falada por cerca de 1850 indivíduos que vivem em uma região de fronteira entre o Brasil (rio Paru de Leste), a Guiana Francesa e o Suriname (no rio Litani/Lawa) e no Suriname (nos rios Tapanahony e Tëpu). Os dados analisados foram coletados em campo, no Brasil e na Guiana Francesa entre 1993 e 2002.

² Considero as formas **-a**, **-eha** como cópula que apresenta um estatuto de um verbo particular, expressando valor de estado (ser/estar). Ela intervém em predicções nominais que põem em relação dois termos que aqui representarei por (X, Y). Como os demais verbos, essas formas da cópula alojam os índices pessoais como prefixos e recebem sufixos de valor de tempo-modalidade (**-i** > **-a-i**), em concomitância com o ato enunciativo, e valores de aspecto-tempo (**-ø** > **-eha-ø**, e **-ken** > **-eha-ken**), não concomitante com o ato enunciativo.

- a) dois elementos substantivais (N N) **kalajuwa ëpatën**³ (brasileiro/professor) ‘o professor é brasileiro’;
- b) um substantivo e um adjetivo (N Adj) **ëpatën ëile** (professor/bravo) ‘o professor é bravo’;
- c) um pronome⁴ e um substantivo (Pron N): **emna ëpatën** (1a.pl.excl./professor) ‘nós somos professores’,

sendo que os elementos à esquerda ocupam a posição predicativa.

Na segunda construção em que a oração é especificada pela cópula, a seqüência admitida é: « Subst/Adj/Loc(-§⁵) índice pessoal-cópula». Nesta construção, diferentes campos semânticos como a relação de inclusão, de atribuição, de localização ou ainda de pertencimento são expressos. Esses campos semânticos são indicados por lexemas ou por sufixos, especificadores de cada um desses campos que se agregam ao elemento nominal não predicativo. Além disso, essas relações predicativas expressam um valor aspectual subjacente recuperado na construção negativa, especificada por dois operadores de negação, **tapek** e **-la** que indicam um valor de estado permanente e um valor de estado contingente respectivamente. Um terceiro operador de negação, **mna**, intervém para marcar uma relação de privação, porém, contrariamente aos outros dois operadores, não expressa nenhum valor aspectual.

Este texto propõe uma ilustração da irregularidade da forma da cópula (§1.1.) e seus empregos, e em seguida uma análise descritiva da construção « Subst/Adj/Loc(-§) índice.pessoal-cópula», ou seja « Y(-§) X-cópula », levando em conta os seus diferentes campos semânticos. Para uma melhor compreensão das situações de comunicação nas quais tais estruturas são enunciadas, dados etnográficos, quando necessários, são fornecidos a fim de favorecer a apreensão dos valores pragmáticos.

³ A anotação segue o sistema fonológico, composto de sete vogais (a, e, ë, ĩ, i, o, u) e de nove consoantes (m, n, p, t, k, s, l, w, j). O fonema /s/ > [h] em diferentes contextos o que nos fez optar por anotar « h » quando se realiza foneticamente enquanto variante de /s/.

⁴ A 1a. pessoa do plural exclusivo, **emna**, distingue-se dos demais índices pessoais por ser um morfema autônomo. Na predicação nominal, este pronome pessoal mantém-se como o elemento inicial da justaposição, nunca ocupando a posição predicativa.

⁵ Este diacrítico representa diferentes morfemas que se agregam a Y, como o atributivo (Y-**me**), o locativo (Y-**po**) e os de pertence (Y-**hpe/-hme**, -Y-**ke**).

1.1. A morfologia da cópula

Algumas línguas Caribes do norte como o Aparai (Koehn & Koehn⁶ 1986), o Tiriyo (S. Meira⁷ 1998:339) e o Wayana (W. Jakson 1972:54), e Caribes do sul como o Ikpeng (Pacheco 2001 :139), mostram o morfema **-esi** ou variantes **-e(i)**, **-et|j** como forma da cópula⁸. O Wayana, por sua vez, dispõe das formas **-asi**⁹ e **-esi** que podem ser consideradas plenas uma vez que é encontrada em construções que parecem estar cristalizadas. No falar moderno, essa irregularidade morfológica codifica um valor aspecto-temporal. Com a forma **-asi** em **masike** (> **masi-ke** // ser/estar-instr) ‘é por causa de’, remete-se a um estado¹⁰ concomitante com o ato enunciativo e com a forma **-esi** em **esike** (> **esi-ke**//ser/estar-instrumental//) ‘era/foi por causa de’ remete-se a um estado não concomitante com T^o¹¹. Em alguns contextos, encontra-se a redução consonântica da forma **-esi** > **ei-** que recebe valores de aspecto-tempo (1), de modo (2) e valores nominais como o nominalizador **-top** (3):

- (1) **uhpak ei-he makalahpan eütë-me**
 outrora ser/estar-AT(M) makalahpan aldeia-me
 ‘antigamente era a aldeia de Makalahpan.’
- (2) **talë ei-kë**
 aqui ser/estar-imper
 ‘fique(mos) aqui !’ (lit. ‘aqui sê/está!’)

⁶ Esses autores reconhecem duas morfologias para a cópula **exi** e **a** (1986 :103), apresentando um quadro complexo das diferentes flexões e dos valores aspecto-temporais (cf. 1986 :101-102).

⁷ O Tiriyo conhece um sistema complexo com formas para o futuro imperfectivo e para o presente imperfectivo (Meira 1999:339), formas inexistentes em Wayana moderno.

⁸ Em Ikpeng, Pacheco (2001:138) considera-a como um auxiliar por ser ‘hospedeiro’ para as classes aspecto-temporais ; mas o comportamento morfológico e sintático apresenta as mesmas propriedades semânticas da cópula. No caso do Macuxi, Amodio & Pira (s/ data) indica duas formas : uma regular **-anî** ou **enî**, outra irregular **-ai**.

⁹ Em Aparai a forma da cópula **-a-se** aparece na flexão em concomitância com T^o: **ø-a-se** (1sg-ser/estar-sit) ‘sou/estou’, **m-a-se** (2sg-ser/estar-sit) ‘és/estás’. Quando em não concomitância com T^o mantém-se a forma **esi** (anotado na língua **exi**): **esi-ne** ‘eu era/estivera’, **m-esi-ne** ‘você era/estivera’, **s-esi-ne** ‘nós éramos/ estiveramos (pl. incl), **kîn-esi-ne** ‘ele(a) era/ estivera’. A comparação entre o Aparai, o Waiwai e o Wayana sugere que o sufixo **-se** (ou **-si**) em **esi** seja, no falar moderno, uma redução consonântica, realizando-se /i/ > **-a-i** em Wayana e **-e(i)** em Tiriyo. Em Aparai, a realização de /e/ ocorre na forma da 3a. pessoa, **n-a-e**, de valor admonestativo. Por sua vez, o Waiwai apresenta tanto a forma em /i/ > **nai** como **nasî**, em que /i/ expressa um valor de comprometimento com o que é enunciado e /sî/, ao contrário, o de não comprometimento.

¹⁰ O pressuposto teórico de Jean-Pierre Desclés (1987) define o ‘estado’ como o aspecto em que tudo é percebido como estável e todas as fases da relação predicativa são homogêneas e sem descontinuidade.

¹¹ O símbolo T^o é representado sobre o eixo aspecto-temporal, permitindo a visualização da validação temporal da relação predicativa conforme as diferentes *visées* aspectuais associadas às enunciações (cf. Desclés 1990, Desclés & Guentchéva 1997). Sua origem é fixa e designa o primeiro instante do não realizado de um referencial enunciativo.

Com o nominalizador **-top**, a construção **ei-top** sugere a leitura literal de ‘o estado de’, como revelado em (3a) que expressa o ‘estado de servilidade de X’, no sentido de querer agradar as pessoas, ou ainda ‘o estado de surdez de X’ em (3b):

(3a) **eluwá hekehe {e}i-top**
 homem servil ser/estar-nzr
 ‘o homem é servilão’¹² (lit. ‘o estado de servidão do homem’)

(3b) **kunumusi ei-top**
 idosa ser/estar-nzr
 ‘a mulher idosa está/é surda’ (lit. ‘o estado da velhice’)

Porém, é a referência à idoneidade, à aptidão de artesão, ao profundo conhecimento das raízes culturais do grupo¹³ a mais produtiva:

(4a) **wajana ei-top**¹⁴
 wayana ser/estar-nzr
 ‘ele é um Wayana’ (por ser um excelente artesão) (lit. ‘o estado de ser Wayana’)

Como mencionado acima, nessas construções com a cópula é possível detectar o valor aspectual subjacente por meio de operadores de negação. Nos exemplos (3), a relação predicativa expressa um valor de estado contingente como indica o operador de negação **-la**: **hekehe-la** ‘ele não é servil(ão)’, **kunumusi-me-la** ‘ela não é velha’. No caso do enunciado (4a), tem-se uma propriedade intrínseca do conhecimento do artefato conferida pelo operador de negação **tapek** que expressa um estado permanente:

(4b) **wajana tapek ei-top**
 wayana neg ser/estar-nzr
 (lit. ‘o estado de não ser Wayana’)
 ‘ele não ‘é’ Wayana’ (como deveria por não saber fazer/ conhecer bem a manufatura Wayana)

Na predicação nominal marcada pela cópula, esta apresenta duas formas variantes de **-asi/-esi** > **-a** e **-eha**¹⁵ respectivamente. Essas formas mantêm a codificação do aspecto e tempo, revelando a atitude do enunciador em relação ao estado.

¹² A estrutura em (3a) remete a uma relação de valor contingente, marcado pelo operador de negação **-la**: **hekehe-la** ‘ele não é servil(ão)’.

¹³ Esta construção expressa as habilidades e conhecimentos das raízes culturais do grupo, no caso da construção **eluwá eitop** requer a seguinte interpretação ‘aquele que faz habilmente uma canoa, uma casa, objetos da cultura material como se fosse um homem adulto’, o que implica que a referência aqui é a de um jovem que se destaca por sua habilidade manual.

¹⁴ Os Wayanas freqüentemente interpretam **eitop** como ‘história’: **wajana eitop** ‘a história do Wayana’ ou ainda **wala walam eitop** (o estado da conversa) ‘conversa sobre histórias antigas’.

¹⁵ Em Wayana, o fonema /h/ é uma posteriorização da coronal fricativa /s/, o que pode sugerir que **-eha** seja uma posteriorização de **-esi**. No caso do Tiriyó, há uma queda da consoante, tendo a cópula realizada **e(i)**, havendo, em Ikpeng, uma palatalização [tʃ] > **-etʃi**.

Organização do sistema aspecto-temporal gramaticalizado da cópula

Estado concomitante com T°	Estado não concomitante com T°	
	Relação próxima com o estado no passado	Desligamento com o estado no passado
-a-	-eha-∅	-eha-ken (1a., 2a.) kun-eha-k (3a.)

O quadro acima ilustra as formas da cópula **-a** e **-eha** e os sufixos aspecto-temporais que distinguem a relação que o enunciador mantém com o estado no passado.

Enunciados concomitantes com T°

A cópula indicada pelo radical **-a-** remete a um estado concomitante com o ato enunciativo ou que se projeta além do ato enunciativo (5). Esta construção pode receber circunstanciais temporais como **hemalë** ‘hoje’, **anumalë** ‘amanhã’, **min anumalë** ‘depois de amanhã’:

- (5) **(anumalë) pata-po w-a-i**
 (amanhã) aldeia-loc 1sg-ser/estar-sit
 ‘amanhã ficarei/estarei na aldeia’ (lit. ‘(amanhã) estou/estarei aldeado’)

Enunciados não concomitantes com T°

Na referência anterior a T°, dois valores aspecto-temporais são expressos. Apesar de um deles não ser realizado fonologicamente, indico-o pelo morfema zero, **-∅**. Com este valor de estado, o enunciador expressa estar ligado a este estado no passado:

- (6) **kokone n-eha-∅ eluwa ëütë**
 ontem 3sg-ser/estar-passado homem aldeia
 ‘o homem estava/esteve na aldeia ontem (e agora está de volta)’ (lit. ‘ontem, ele estava, o homem aldeado’)

O outro valor de estado é expresso pelo sufixo **-ken** e seu alomorfe descontínuo **kun-...-k**. O enunciado marcado pelas 1a. e 2a. pessoas recebe o sufixo aspectual **-ken** (7a), aquele marcado pela 3a. pessoa recebe, por sua vez, um morfema descontínuo **kun-...-k**¹⁶ (7b). Com esse valor aspecto-temporal, o enunciador expressa um desligamento com o estado no passado.

- (7a) **(kokopsik) ëütë w-eha-ken**
 (cedo) aldeia 1sg-ser/estar-passado
 ‘fui à/estive na aldeia (pela manhã)’ (lit. ‘estive aldeado (hoje cedo)’)

¹⁶ Há a metátese entre a forma do passado em Waiwai e em Wayana **-kne** e **-ken** respectivamente, e ausência da consoante nasal, **-ki** > **n-a-ki** (3-ser/estar-passado) em Ikpeng.

(7b) **(uhpak) ëütë kun-eha-k**

(outrora) homem 3sg.passado-ser/estar-passado

‘(faz muito tempo que) ele/a foi à/esteve na aldeia’ (lit. ‘(outrora) aldeado já esteve’)

O enunciado marcado pela ligação do enunciador com o estado no passado admite os circunstanciais de tempo próximos a T: **kokone** ‘ontem’, **mïn kokone** ‘anteontem’, **kokopsik** ‘cedo’ e **upak** ‘faz tempo’¹⁷, ao contrário do valor que indica um desligamento do enunciador em relação ao estado no passado aceitar somente dois circunstanciais temporais: **upak** ‘faz tempo’ e **uhpak** ‘outrora’.

1.2. A morfologia da cópula

O quadro abaixo esquematiza as diferentes formas da cópula e sua afixação. Ela recebe quatro prefixos indiciais¹⁸, a saber: **w-** 1a., **man-** 2a., **(ku)n-** 3a., **kut-/h-** 1incl., e dois especificadores de plural : **-të{u}** para a 1a. e 2a. pessoas e **tot** para a 3a. pessoa.

A afixação da cópula

concomitância com T°			não concomitância com T°	
			Relação próxima com o estado no passado	Desligamento com o estado no passado
SG	1a.	w-a-i	w-eha	w-eha-ken
	1a.+2a.	kut-a-i	h-eha	h-eha-ken
	2a.	man-a-i	m-eha	m-eha-ken
	3a.	n-a-i	n-eha	kun-eha-k
PL	1a.+2a. incl.	kut-a-të-i	h-eha-tëu	h-eha-të-ken
	1a.-2a. excl.	emna ¹⁹	emna n-eha	emna kun-eha-k
	2a.	man-a-të-i	m-eha-tëu	m-eha-të-ken
	3a.	n-a-i tot	n-eha tot	kun-eha-k tot

1.2.1. A morfologia do plural

No que diz respeito ao plural, somente a 1a. pessoa do plural inclusivo (**kut-** composto pela 1a. e mais de uma 2a. pessoa, i.é., ‘eu e

¹⁷ O circunstancial temporal **upak** ‘faz tempo’ pode ser usado tanto para especificar um estado que se realizara pouco antes do ato enunciativo: **upak w-eha-ø** (faz.tempo/1sg-ser/estar-passado) ‘faz tempo que estive lá’, para não dizer que acabara de chegar de onde estava, como **upak w-eha-ken** (faz.tempo/1sg-ser/estar-passado) ‘estive lá faz muito tempo’, referindo a algum lugar que visitara outrora.

¹⁸ Cf. W. Jakson (1972), E. Camargo (2002).

¹⁹ Jakson (1972:54) indica a seqüência **nai emna** para a 1a. pessoa do plural exclusivo, estrutura que nunca coletei nem encontrei nos textos. A forma **emna** é o suficiente para indicar essa pessoa do plural. O uso de **nai** implicaria em um admonestativo, como veremos adiante.

vocês’) e a 2a. pessoa (**man-**) recebem o sufixo **-të-**. Este sufixo é marcado **-tëu**²⁰ quando associado à cópula na anterioridade a T°.

1.2.2. A série indicial de verbos ativos como marcador da cópula

O Wayana conhece duas séries de índices pessoais que caracterizam as pessoas do discurso eu/tu: uma associa-se a verbos ativos (**w-** 1A3P, **m-** 2A3P²¹), a outra prende-se a verbos inativos (**j-/ĩ-** 3A1P, **ëw-/ë-** 3A2P). Dentro dos parâmetros da hierarquia da pessoa, a pessoa que se aloca ao verbo ativo é aquela que tem o controle da ação, ao passo que o índice pessoal que se prende ao verbo inativo refere-se à pessoa que recebe/sofre a ação (cf. Camargo 2000). No caso da cópula, ela recebe a série indicial dos verbos ativos : **w-** 1a.sg > **w-a-i** ‘sou/estou’, **w-eha** ‘estava’, **m(an)-** 2a.sg > **man-a-i** ‘és/estás’, **m-eha** ‘eras/estavas’. A 3a. pessoa, por sua vez, indicada pelo prefixo **n-**, está diretamente vinculada ao sistema ergativo/absolutivo, marcando exclusivamente o absolutivo (S/O).

No que concerne aos índices pessoais do plural inclusivo, há uma distinção morfológica entre a forma presa a cópula em concomitância com T° e àquela amalgamada a forma que remete à anterioridade de T°. Esses índices são indicados por **kut-** e por **h-** respectivamente. A flexão da cópula, assinalada pelo desligamento com o estado no passado, apresenta uma irregularidade na 3a. pessoa, indicada por um morfema descontínuo **kun-...-k** > **-ehak (kun-eha-k)**, diferentemente de **n-**, agregado à cópula, no presente (**n-a-i**) e na ligação com o estado no passado (**n-eha-ø**).

1.2.3. O indicador de modalidade epistêmica: o situativo

À forma da cópula em concomitância com T°, **-a-**, prende-se um sufixo **-i** que venho chamando de sit(uativo²²), cujo valor provém de modalidade epistêmica, ligado à percepção visual. Com ele, o enunciador indica ser a fonte da informação da qual ele é testemunho visual. Obrigatório com as pessoas do discurso (eu/tu), este sufixo é requerido nos enunciados afirmativos e nos enunciados negativos. Ele aparece também com a 3a.

²⁰ Gildea (1998 : 103) interpreta essa seqüência **-të-w** como uma forma de plural do não-passado incerto (*non-past uncertain*). Esse valor de modalidade epistêmica desse plural não se verifica no corpus wayana do qual disponho.

²¹ **w-ene-ja-i** (1A3P-ver-hab-sit) ‘eu o vejo’, **m-ene-ja-i** (2A3P-ver-hab-sit) ‘você o vê’.

²² Esse sufixo também é encontrado em Tiriyo, com uma variação fonética [-e], variação que também pode ser produzida no falar Wayana do rio Paru. Em Tiriyo, Meira (1999:311) interpreta **-e** como uma modalidade que glosa como ‘*certainty*’, usado para eventos que não deixam nenhuma dúvida do que o enunciador tem em mente. Meira considera que este sufixo ocorre no presente e no futuro imperfectivo, o que interpreto em Wayana como enunciados concomitantes com T°.

pessoa > **n-a-i** que detém um valor de admonestativo²³, como veremos adiante.

2. O predicado nominal marcado pela cópula

A cópula tem o papel de ‘construtor de predicado’, e, em Wayana, ela aparece em duas estruturas sintáticas que distinguem diferentes relações predicativas, abordando campos semânticos como o da inclusão²⁴. Nessas estruturas dois elementos estão em relação: X e Y²⁵. O elemento X é representado por índices pessoais e o elemento Y aloja diferentes elementos nominais (substantivo, adjetivo, locativo, pertencimento). Do ponto de vista morfológico, a distinção entre elas funda-se na marcação ou não do elemento não predicativo, como esquematizado a seguir:

- a) « Y X-cópula »
- b) « Y-§ X-cópula »

Na estrutura (a), a natureza da relação entre os elementos depende diretamente do valor lexical de Y (substantival, adjetival ou pronominal²⁶). Já na estrutura (b), a Y agrega-se sufixos que remetem a campos predicativos específicos como o do atributivo e do locativo. Como mencionado anteriormente, as relações predicativas dessas duas estruturas sintáticas expressam subjacentemente valores aspectuais que são manifestados por operadores de negação. A partícula **tapek** remete a um estado permanente e o sufixo **-la** expressa um estado contingente. Esses operadores de negação têm um papel fundamental na predicação nominal por reconhecer as *visées*²⁷ aspecto-temporais das duas relações predicativas subjacentes. Um estado permanente remete a noção do tipo «a terra gira». Aqui, as fases são estáveis, equivalentes, o que permite ao Wayana remeter à *intrinsicabilidade de pertencimento a uma determinada classe*. Um estado contingente pode ser expresso em uma oração do tipo «o dia está quente», em que não se leva em conta nem o início nem o fim de cada

²³ Na predicação nominal, é frequente o uso da partícula existencial de valor epistêmico, **man** : **ëpatën man** ‘parece ser professor (mas não é)’ que marca enunciados na 3a. pessoa.

²⁴ Para as relações gramaticais em línguas caribe, cf. S. Gildea, 1998.

²⁵ Os símbolos X e Y representam, aqui, os elementos que se justapõem em uma relação predicativa.

²⁶ Representado unicamente pelo pronome de plural exclusivo **emna** ‘nós’.

²⁷ Na Teoria da Enunciação, a conceitualização, que é um processo que permite elaborar o conteúdo mental do enunciado, é regida por um conjunto de operações postuladas quase universais, ou seja desligadas de um sistema lingüístico particular. As *visées* enunciativas formadas por um conjunto de operações mentais estão assim situadas no nível conceitual. B. Pottier (1984) fala de *visée* como ponto de partida escolhido sobre a orientação do objeto focado, indicando três fatores da visão : orientação, *visées* e seleção. Em (1997), retoma a questão apontando seis grandes categorias de operações semântico-conceituais: diátese, actanciação, determinação, aspectualização, temporalização e modalização.

estado. Um terceiro operador de negação intervém nas construções de pertencimento, o privativo **mna** ‘sem’, e nesse caso, o valor aspectual não é explícito como com os outros dois operadores (**tapek** e **-la**).

De forma a apreender o valor aspectual das relações predicativas que a cópula manifesta nessas duas estruturas sintáticas, os enunciados, ilustrativos das predicções nominais analisadas, serão indicados tanto no afirmativo como no negativo.

3. O valor da relação predicativa « Y X-cópula »

3.1. A relação de inclusão

Nas relações predicativas manifestam-se uma relação descritiva « X é Y » ou uma relação de inclusão « X é um Y ». Essas relações podem expressar identidade de um indivíduo, como sugere a resposta (8) à pergunta **ënïk man** ‘quem é você/ele(a)²⁸’, cujo valor aspectual é de estado permanente, como atesta o uso do operador de negação **tapek** em (8b):

(8a) **ëpatën w-a-i**
professor 1sg-ser/estar-sit
‘sou professor’

(8b) **ëpatën tapek w-a-i**
professor neg 1sg-ser/estar-sit
‘não sou professor’

Um Wayana decodifica (8) como « eu (X) me incluo na classe dos professores (Y) », tratando-se aqui de ‘uma propriedade ou conceito de indivíduos, definindo canonicamente uma classe de indivíduos’ (Desclés, 1987). Nesta relação de inclusão, Y é representado por substantivos plenos ou derivados:

(9a) **pïtpë w-a-i**
viúva 1sg-ser/estar-sit
‘estou/sou viúva’

(10a) **ëila-n w-a-i**
valentão-nome.ag 1sg-ser/estar-sit
‘sou valentão/guerreiro.’

Como em (8), no campo da relação de inclusão, a propriedade intrínseca de X é manifestada pelo operador de negação **tapek** :

(9b) **pïtpë tapek wai** ‘não sou viúva’

(10b) **ëilen tapek wai** ‘não sou guerreiro’

²⁸ A partícula interrogativa **man** remete tanto à 2a. como à 3a. pessoa.

3.2. A relação de atribuição

O valor de uma relação atributiva é obtido a partir da combinatória com adjetivos plenos ou derivados. Os primeiros podem ser representados por lexemas como **püipe** 'tímido' (11), os segundos são marcados pelo adjetivizador **-hak** (12). Nessa relação de atribuição, a paráfrase obtida é do tipo « X se atribui a propriedade de Y », em que o actante-sujeito não é nem agente, nem paciente ; ele se vê atribuído de uma propriedade estativa. Nessa relação predicativa o operador de negação requerido é o de estado contingente, **-la** (11b, 12b).

- (11a) **püipe w-a-i**
tímido 1sg-ser/estar-sit
'sou tímido'
- (11b) **püipe-la w-a-i**
tímido-neg 1sg-ser/estar-sit
'não sou tímido' (lit. «X não se atribui a propriedade de estar Y.tímido»)
- (12a) **elam-hak w-a-i**
medo-adjr 1sg-ser/estar-sit
'sou medroso'
- (12b) **elam-hakë-la w-a-i**
medo-adjr-neg 1sg-ser/estar-sit
'não sou medroso' (lit. não estou medroso)

Nem todo adjetivo expressa um valor contingente. Tomemos os adjetivos **ëile** e **eile** que, distintos fonologicamente, designam 'bravo', 'valente'. Com a vogal central média /ë/, o lexema **ëile** expressa uma propriedade intrínseca, requerendo o operador de negação **tapek**:

- (13a) **ëile wai** 'sou bravo'
- (13b) **ëile tapek wai** 'não sou bravo'

ao passo que com a vogal anterior média /e/, o lexema **eile**²⁹ apresenta uma propriedade atributiva e, neste caso, é o valor de estado contingente (**-la**) que é expresso:

- (14a) **eile wai** 'estou bravo (com ele/a)'
- (14b) **eile-la wai** 'não estou bravo (com ele/a)'.

²⁹ **eile** é uma forma relativa podendo ser indiciada : **ëw-eile wai** (2sg-bravo/estou) 'estou bravo contigo', **ø-eile wai** (3sg-bravo/estou) 'estou bravo com ele(a)'.

3.3. A relação de localização

Em uma relação de localização, o elemento Y pode estar indicado por dêiticos espaciais (**talon** ‘daqui’, **talë** ‘daqui’, **hei** ‘de lá’), por nomes de lugares como ‘aldeia’ (**ëütë**), ‘rede’ (**ëtap**) e também por termos que designam as posições do corpo: ‘deitado’ (**lomo**), ‘em pé’ (**pili**). Nessas construções locativas, o emprego do operador de negação intervém na distinção entre a “relação de identificação de ser do local (**tapek**)” e a “relação de atribuição de estar no local (**-la**)”, como ilustram os enunciados a seguir.

3.3.1. A relação de identificação

Com os dêiticos (**talon** ‘daqui’ e **hei** ‘de lá’), o operador de negação **tapek** remete a uma relação de identificação, em que o enunciador se identifica ao lugar onde vive. Isto é, ele se refere ao seu lugar de origem como também ao de seus ancestrais:

(15a) **talon w-a-i**
 aqui 1sg-ser/estar-sit
 ‘sou daqui’

(15b) **talon tapek w-a-i**
 aqui neg 1sg-ser/estar-sit
 ‘não sou daqui’

Essa identificação com o local de habitação/nascimento é também designado pelo dêitico **hej(elon)** ‘de lá’ (16). Porém com este dêitico, o enunciador informa identificar-se com aquela região/rio onde vive, não se identificando com a aldeia onde se encontra.

(16a) **hei w-a-i**
 lá 1sg-ser/estar-sit
 ‘sou de lá (de outra aldeia que fica às margens desse rio)’

(16b) **hejelon tapek w-a-i**
 lá neg 1sg-ser/estar-sit
 ‘não sou desse rio’

3.3.2. A relação de atribuição

A localização de valor de atribuição, reconhecida pelo operador de negação **-la**, ocorre com o dêitico **talë** ‘aqui’ (17), **mëje** ‘lá³⁰’ que

³⁰ O locativo **mëje** ‘lá’ designa um local (rio) diferente daquele do local onde o enunciador se encontra/mora.

expressam que « X se atribui a propriedade do local, sem se identificar com o local »:

- (17a) **talë w-a-i**
 aqui 1sg-ser/estar-sit
 ‘vivo aqui, mas não sou daqui’ (lit. ‘X se atribui a propriedade de estar temporariamente aqui/nesta aldeia’)
- (17b) **talë-la w-a-i**
 aqui-neg 1sg-ser/estar-sit
 ‘não sou daqui’

Na relação de atribuição, o local também é marcado por nomes como aquele que remete às aldeias, onde o enunciador se atribui a propriedade do local ‘aldeia’:

- (18a) **(antele) ëütë w-a-i**
(antere) aldeia.de 1sg-ser/estar-sit
 ‘estou na aldeia (do André)’ (lit. ‘(antere) aldeado estou’)
- (18b) **ëütë-la w-a-i**
 aldeia.de-neg 1sg-ser/estar-sit
 ‘não estou na aldeia’ (lit. ‘não me atribuo a propriedade de estar aldeado’)

O mesmo ocorre com o termo que designa ‘rede’ **ëtap** (19) e com aqueles que designam as posições do corpo (20-21): ‘(estar) deitado/na horizontal’ **lomo**, ou ‘(estar) em pé/na vertical’ **pīli**. O valor aspectual de todos esses enunciados é o de estado contingente, atestado pelo operador de negação **-la**:

- (19a) **ëtap w-a-i**
 rede 1sg-ser/estar-sit
 ‘estou na rede’ (lit. ‘estou redeado’)
- (19b) **ëtapo-la w-a-i**
 rede-neg 1sg-ser/estar-sit
 ‘não estou na rede’ (lit. ‘não me atribuo a propriedade de estar redeado, i.é., neste local’)
- (20a) **lomo w-a-i**
 chão 1sg-ser/estar-sit
 ‘estou no chão’
- (20b) **lomo-la w-a-i**
 chão-neg 1sg-ser/estar-sit
 ‘não estou no chão’
- (21a) **pīli w-a-i**
 em pé 1sg-ser/estar-sit
 ‘estou em pé’
- (21b) **pīli-la w-a-i**
 em pé 1sg-ser/estar-sit
 ‘não estou em pé’

3.4. A relação de pertence

Os termos de parentesco ocupam a posição de Y e, na relação predicativa que remete à pertença, expressam uma propriedade intrínseca, como revela o operador negação **tapek**:

(22a) **ë-jum w-a-i**
 2sg-genitor 1sg-ser/estar-sit
 ‘sou teu pai’³¹ (lit. ‘teu pai eu sou’)

(22b) **ëjum tapek wai** ‘não sou teu pai’. (***ëjumĩ-la wai**)

Esta relação ainda pode ser marcada pelo privativo **mna** e neste caso, o elemento Y não recebe prefixos : **jumĩ mna wai** ‘estou privado de genitor’, ou seja ‘não tenho pai’.

4. O valor da relação predicativa «Y-§ X.ser/estar »

Na relação predicativa em que o elemento Y é especificado por um sufixo, este remete às relações de atribuição, de localização e de pertencimento, como examinaremos a seguir.

4.1. O valor da relação predicativa « Y-me X-estar »

A relação predicativa em que Y é marcado por **-me**, valor de estado evolutivo, remete a relação de atribuição:

(23a) **pĩjai-me w-a-i**
 xamã-evol 1sg-ser/estar-sit
 ‘estou me tornando xamã’ (lit. ‘eu me atribuo o processo de me tornar xamã’)

A construção negativa é marcada pelo operador **-la**, indicador de contingência:

(23b) **pĩjai-me-la w-a-i**
 xamã-evol-neg 1sg-ser/estar-sit
 ‘não estou me tornando xamã’

(23c) ***pĩjai-me tapek**

É interessante comparar (23) com (24), e ver que **-me** expressa uma mudança de estado, marcando a transição do evento em relação a T°, tendo o estado permanente não indicado fonologicamente. Em (23) « X se atribui

³¹ Esperaria-se a predicação do pronome ‘é meu’, marcada pela cópula, porém esse não é o caso em wayana. Essa língua toma como recurso predicativo a nominalização do verbo **ka** ‘dizer’ > **katop** > **ĩ-ka-top** (1sg-dizer-nzr) ‘é meu’, ou seja, ‘é dito meu’.

a propriedade de estar se tornando Y » e, em (24), « X tem a propriedade de ser Y ».

- (24a) **pïjai** **w-a-i**
 xamã.est.atividade 1sg-ser/estar-sit
 ‘sou xamã’ (lit. ‘tenho a propriedade de ser/estar xamã’)
- (24b) **pïjai** **tapek w-a-i**
 xamã.est.atividade neg 1sg-ser/estar-sit
 ‘não sou xamã’

Nestas relações predicativas, esta distinção aspectual também opera com adjetivos:

- (25a) **sitpili**³² **w-a-i**
 travesso 1sg-ser/estar-sit
 ‘sou travesso’
- (25b) **sitpili tapek w-a-i** (estado permanente)
 travesso neg 1sg-ser/estar-sit
 ‘não sou travesso’
- (26a) **sitpili-me w-a-i**
 feio-evol 1sg-ser/estar-sit
 ‘estou ficando feio’
- (26b) **sitpili-me-la w-a-i** (estado contingente)
 feio-evol-neg 1sg-ser/estar-sit
 ‘eu não estou ficando feio’

O elemento Y indicando uma posição ‘sentada em cima de um objeto’, por exemplo, só é admitido na construção «Y-§ X-estar »:

- (27a) **kolo-me w-a-i**
 banco-evol 1sg-ser/estar-sit
 ‘estou sentada (no banco)’ (lit. eu me atribuo a propriedade de me "abancar")
- (27b) **kolo-me-la w-a-i**
 banco-evol-neg 1sg-ser/estar-sit
 ‘não estou sentada no banco’

4.2. O valor da relação predicativa « Y-loc X-estar »

Na relação locativa « Y-loc X-estar », o elemento Y pode receber diferentes morfemas indicadores de local. Estes morfemas remetem a dois

³² O lexema **sitpili** apresenta diferentes valores semânticos segundo o sub-grupo Wayana que o emprega. Para os Kukuyanans, por exemplo, trata-se de uma injúria ‘grave’, cujo uso deve ser evitado. Com os Upuruis e Umuruayanans, esse termo designa ‘travesso’, ‘traquina’, ‘feio’.

tipos de local: os sufixos **-po** e **-pono**³³ remetem a uma fronteira determinada, enquanto que os sufixos **-t/-j/-nau** remetem a um local interno em mudança.

a) « *Y-fronteira X-estar* »

Os sufixos **-po** ‘em’ e **-pono** ‘à’ marcam uma fronteira que é determinada. Estes dois morfemas expressam diferentes relações predicativas: com **-po**, a relação de localização é atributiva e remete ao local onde se encontra o enunciador (28a-b); com **-pono** (29), empregado unicamente na negativa, a relação é de não identificação com o local de referência:

- (28a) **kajen-po w-a-i**
caiena-loc 1sg-ser/estar-sit
‘estou em Caiena’
- (28b) **kajen-po-la w-a-i**
caiena-loc-neg 1sg-ser/estar-sit
‘não estou em Caiena’
- (29) **kajen-pono tapek w-a-i**
caiena-loc neg 1sg-ser/estar-sit
‘não sou de Caiena’, ‘não moro em Caiena’

A atividade marcada pelo locativo pëk

Em (30), o enunciador informa que está derrubando árvores e limpando o terreno para abrir uma nova aldeia. Emprega a posposição **pëk** para exprimir um estado de atividade que traz o evento para o centro da atividade³⁴, sendo a identificação de « X » com o local atestada pelo operador de negação **-la**, de estado contingente, em (30b):

- (30a) **ëutë pëk w-a-i**
aldeia loc 1sg-ser/estar-sit
‘estou trabalhando na aldeia’
- (30b) **ëutë pëkë-la w-a-i** ‘não estou trabalhando na aldeia’

³³ Formas consideradas posposições em outras línguas caribes.

³⁴ Este estado expressa um processo subjacente que se desenvolve em uma parte estável, apresentando um movimento inicial e um movimento final (Desclés & Guentchéva 1997).

b) « *Y-mudança de local X-estar* »

A localização é especificada por diferentes morfemas que remetem a uma mudança de local³⁵, **-tau**, **-jau**, **-nau** e **-kuau**, este último específico ao rio.

-tau ‘dentro de’, no interior de um local de grande dimensão como ‘casa’ **pakolo**, ‘mata’ **itu**, ‘caminho’ **ëhema**:

(31a) **pakolo-tau w-a-i**
 habitação-em 1sg-ser/estar-sit
 (lit. ‘eu me atribuo a propriedade do local de habitação’)
 ‘estou em casa’

(31b) **ï-pakolo-n-tawë-la w-a-i**
 1sg-habitação-alien-em-evol-neg 1sg-ser/estar-sit
 ‘não estou em minha casa’

-jau ‘dentro de’, no interior de um local de pequeno porte como ‘canoa’ **kanawa**, ‘corpo’ **ëja**, mas também dentro de líquido como ‘água’ **tuna**, ‘chuva’ **kopë**, ‘molho de tucupi’ **tuma**³⁶:

(32a) **kanawa-jau w-a-i**
 canoa-dentro 1sg-ser/estar-sit
 ‘estou na canoa’

(32b) **kanawa-jawë-la w-a-i**
 canoa-dentro-evol-neg 1sg-ser/estar-sit
 ‘não estou na canoa’

-nau ‘sob’:

(33a) **sisih-nau**³⁷ **w-a-i**
 sol-sob 1sg-ser/estar-sit
 ‘estou no sol’ (lit. ‘estou sob o sol’)

(33b) **sisih-nawë-la w-a-i**
 sol-sob-neg 1sg-ser/estar-sit
 ‘não estou no sol’

³⁵ Nos cantos arcaicos do **kalawu**, os morfemas abaixo realizam-se respectivamente **-tawë**, **-jawë** e **-nawë**.

³⁶ O sufixo **-jau** designa ‘dentro de’, como em **tolopit wewe-jau** ‘o pássaro está dentro (do buraco) da árvore’; **kopë-jau wai** ‘estou na chuva’, **ëja-ja}u** ‘dentro de você (de teu corpo)’, **tuna-jau haka** ‘a bolsa está na água’ (dentro de uma bacia com água, por exemplo).

³⁷ O sufixo **-nau** designa ‘no meio de’, como em **ka jepti jehena-}na}u** ‘o espinho de peixe está (entalado) na garganta’ (i.é. no meio da garganta), **ituh-nau man** ‘ele está no centro da mata’ (i.é., no meio da mata’).

-kuau ‘dentro do rio’:

- (34a) **tuna-kuau w-a-i**
rio/água-em 1sg-ser/estar-sit
‘estou no rio’
- (34b) **tuna-kuawë-la w-a-i**
rio/água-em-evol-neg 1sg-ser/estar-sit
‘não estou no rio’

c) « *Y X-estar* »

Diferentemente dos outros dois dêiticos mencionados acima que explicitam uma identificação ou não de « X com o local Y » (**talon** e **talë**), o dêitico **tan(ë)** ‘aqui’ determina um local ao qual « X se atribui a propriedade de estar em Y », espaço que expressa um valor contingente (**-la**), como atesta (35c):

- (35a) **ëhtëi³⁸ man**
onde você/ele ?
‘onde você está ?’
- (35b) **tan w-a-i ëtap**
aqui 1sg-ser/estar-sit rede
‘estou aqui na rede’
- (35c) **tanë-me-la w-a-i³⁹**
aqui-evol-neg 1sg-ser/estar-sit
‘não estou aqui’

4.3. A relação de pertence

O Wayana não dispõe de um verbo ‘ter’ para expressar « X tem Y ». Esta língua conhece todavia duas estruturas morfossintáticas, nas quais o elemento Y recebe dois tratamentos morfológicos, a saber:

- a) « **Y-hpe/-hme X-cópula** »;
- b) « **tï-Y-ke/-kem X-cópula** ».

Como já mencionado, do ponto de vista da sujacência aspectual, somente a primeira relação predicativa exprime um valor aspectual, o de estado contingente, marcado pela negação **-la**. A construção negativa da

³⁸ **eistëi** ‘onde’ é uma variação dialectal no falar do rio Paru.

³⁹ Construção empregada no rio Paru de Leste, não sendo usada/aceita no rio Litani, onde os informantes retomam o lexema **ëtat** ‘rede’, fornecendo a seguinte construção: **ëtapo-la w-a-i** (rede-neg/1sg-ser/estar-sit) ‘não estou na rede’.

segunda relação, marcada pelo operador privativo **-mna**, não expressa nenhum valor aspectual de estado.

4.3.1. « *Y-hpe/-hme X-ser/estar* »

A interpretação literária para “X tem Y” é fornecida pela estrutura « *Y-hpe/-hme X-cópula* », que corresponde a « *Y-de X-cópula* » no sentido de « X dispõe de Y »:

(36a) **kanawa-hpe w-a-i**
 canoa-de 1sg-ser/estar-sit
 ‘tenho uma canoa’ (lit. ‘estou de canoa’, i.é., ‘disponho de canoa’⁴⁰)

(36b) **kanawa-hpe-la w-a-i**
 canoa-de-neg 1sg-ser/estar-sit
 ‘não tenho canoa’ (lit. ‘não estou de canoa’, ou seja ‘não disponho de canoa’)

O elemento Y pode ser representado por um índice pessoal, em uma resposta à pergunta do tipo **kanawa-hpe ka man** (canoa-de/interrogativo/2sg) ‘você tem canoa?’:

(36c) **i-hpe/-hme w-a-i**
 3-de 1sg-ser/estar-sit
 ‘eu a tenho’.

Apesar de a distinção semântica entre esses dois sufixos⁴¹ estar em estudo, os enunciados abaixo sugerem que **-hme** remete a termos genéricos e **-hpe** a termos específicos:

(37a) **okī-hme w-a-i**
 bebida-de 1sg-ser/estar-sit
 ‘tenho bebida’

(37b) **kasili-hpe w-a-i**
 caxiri-de 1sg-ser/estar-sit
 ‘tenho caxiri’

Fica difícil de aplicar tal diferenciação com o lexema **tuna** ‘água/rio’, como ilustrado abaixo. Em (38a), o enunciador enuncia haver água no local onde está, mas que não lhe pertence. Para usá-la, terá ir buscar em uma outra casa, por exemplo. Em (38b), ao contrário, ele especifica dispor de água que se encontra em algum utensílio que lhe pertence:

⁴⁰ Em uma predicação sem verbo, o sentido de **-hpe** é o de ‘dispor.de’: **eluwā kanawa-hpe** (homem/canoa-dispor.de) (lit. ‘o homem dispõe de canoa’) ‘o homem tem canoa’.

⁴¹ O uso das formas **-hpe** e **-hme** é produtivo no falar wayana do Brasil, sendo **-hpe** empregado, exclusivamente, no falar da Guiana Francesa.

- (38a) **tuna-hme w-a-i**
 água-de 1sg-ser/estar-sit
 ‘tenho água’ (não aqui, mas posso buscar em outro lugar) (lit. ‘estou de água’, i.é., ‘disponho de água’)
- (38b) **tuna-hpe w-a-i**
 água-de 1sg-ser/estar-sit
 ‘tenho água’ (que está em uma panela que me pertence) (lit. ‘estou de água’, i.é., ‘disponho de água’)

O elemento Y também pode ser representado por um elemento animado, como exemplificam os seguintes enunciados: **peitopiti-hpe wai** (filhos-de⁴² / estou) (lit. ‘estou de filhos’) ‘tenho filhos’; **ëpatënu-hpe wai** (professor-de / estou) ‘tenho professor’.

4.3.2. « **tî-Y-ke/kem** X-ser/estar »

Nesta outra configuração sintática que codifica o pertencimento, o elemento possuído é determinado pelo prefixo de posse reflexiva **tî-** e pelo sufixo instrumental **-ke**⁴³. Nesta mesma estrutura, o elemento Y pode vir sequenciado pelo instrumental **-ke** e **-m(i)**. Vejamos a distinção do uso desses sufixos:

- a) com a estrutura « **tî-Y-ke** », X enuncia que (i) Y lhe pertence, (ii) Y está em uso (para inanimados) ou em companhia (para animados), (iii) Y está visível aos interlocutores;
- b) com a estrutura « **tî-Y-ke-m** », X enuncia que (i) Y lhe pertence, (ii) Y não está necessariamente em uso ou em companhia ; (iii) Y não é visível aos interlocutores.

4.3.2.1. A morfofonologia da estrutura « **tî-Y-ke** X-ser/estar »

O sufixo **-ke** apresenta variações morfofonológicas que dependem de seu ambiente fônico, tal como:

-ke ou **-k** após C e V (baixa /a/, médias /e/, /ë/):

- (39a) **tî-timüt-ke** ‘com o próprio cordão (masculino, usado na cintura⁴⁴)’

⁴² A construção **mule-hpe** (criança-dispor.de) ‘dispor de criança’ é de uso na Guiana Francesa.

⁴³ Em Wayana, o instrumental **-ke** aparece com elementos inanimados (**wiwî-ke t-ëkët-se**//machado-instr/3-cortar-se// ‘foi cortado com machado’) e com os animados somente nessa estrutura de pertence. Estrutura que, por sinal, não é exclusiva do Wayana nem das línguas Caribes. Givón (1984) assinala o mesmo uso em construções de pertence em Bemba, língua Bantu.

⁴⁴ Uso tradicional abandonado no rio Litani.

(39b) **tī-je-ke** ‘com a própria genitora’

(40c) **tī-pata-ke** ‘com a própria aldeia’

(41) **tī-waptë-k** ‘com o próprio fogo’

-je ou **-k** após V alta (anterior /i/ e central /ĩ/):

(42a) **t-ëpi-je**⁴⁵ ‘com o próprio remédio’

(42b) **tī-pĩ-je** ‘com a própria esposa’

(43c) **tī-tupi-k** ‘com o próprio roçado’

-he após V posterior (/o/):

(44) **t-ëtpo-he** ‘com a própria pelosidade facial’, i.é., ‘a barba’.

O operador de negação que caracteriza essa relação predicativa é o privativo **mna** (45b), requerendo o sufixo **-lĩ** quando a relação entre os elementos é do tipo inalienável⁴⁶ (46b):

(45a) **tī-jum-ke** **w-a-i**
 refl-genitor-instr 1sg-ser/estar-sit
 ‘estou com o meu próprio pai’, ou seja ‘tenho pai’ (lit. ‘próprio genitor com estou’)

(45b) **i-jumĩ** **mna w-a-i**
 3sg-genitor priv 1sg-ser/estar
 ‘estou sem pai’

(46a) **tī-waptë-k** **w-a-i**
 refl-fogo-instr 1sg-ser/estar-sit
 ‘tenho fogo’

(46b) **i-waptë-lĩ** **mna w-a-i**
 3sg-genitor-alien priv 1sg-ser/estar
 ‘não tenho fogo’

4.3.2.2. A estrutura « **tī-Y-ke-m** X-ser/estar »

Nos contextos de emprego da seqüência morfológica « **ke-m(i)** », o sufixo **-m(i)**⁴⁷ expressa que « X dispõe de Y, porém Y não está em uso (47)

⁴⁵ O termos **ëpi** ‘erva’, ‘remédio’ e **pĩ** ‘esposa’ podem ser especificados pelo coletivo **-tĩ** que com a redução da vogal realiza-se **-t > t-ëpit-ke, tī-pĩt-ke** respectivamente, como também visto em (46a): **tĩmĩ-t(i)** ‘cordão-col’. A presença ou não do coletivo marca uma distinção semântica entre ‘estar em uso’: **t-ëpi-ke wai** ‘estou com o remédio que estou usando/tomando’, e ‘não estar em uso’: **t-ëpit-ke wai** ‘tenho remédio, mas não o uso atualmente’.

⁴⁶ A relação alienável não é indicada morfológicamente.

⁴⁷ A leitura de instrumental nessa estrutura contraria a interpretação de nominalizador como sugerem Gildea (1998) e Meira (1999), que interpretam **-ke** como ‘have’, assim **-m(i)** seria um nominalizador: **-ke-mĩ** (have-nz) ‘having’. Em Wayana **-m(i)** tem o valor de nominalizador

ou que Y não está em companhia de X (48) ». Além disso, muitos dos informantes consultados realçam a questão do campo da visibilidade com **-ke** (47a, 48-a) e a ausência dela, indicada por **-m{i}** (47b, 48b):

- (47a) **tī-le-ke** **w-a-i** (*visibilidade apreendida*)
 refl-flecha-instr 1sg-ser/estar-sit
 ‘estou com a minha flecha’ (lit. ‘minha própria flecha com estou, em uso’)
- (47b) **tī-le-ke-m** **w-a-i** (*visibilidade não apreendida*)
 refl-flecha-instr-**m** 1sg-ser/estar-sit
 ‘tenho flecha (mas não estou usando agora)’ (lit. ‘minha própria flecha com estou, sem uso’)
- (48a) **tī-je-ke** **w-a-i**
 refl-mãe-instr 1sg-ser/estar-sit
 ‘tenho mãe’ (lit. ‘minha própria mãe com estou’)
- (48b) **tī-je-ke-m** **w-a-i**
 refl-mãe-instr-**m** 1sg-ser/estar-sit
 ‘tenho mãe (mas ela não está comigo no momento)’ (lit. ‘minha própria mãe com estou’)

Nesta estrutura, Y é geralmente representado por um substantivo inanimado. Em alguns casos, a estrutura pode se referir a identificação com o lugar, referindo-se ao fundador da aldeia⁴⁸ (49) ou a um nome de agente⁴⁹ (50).

- (49) **tī-tuna-ke-m** **w-a-i**
 refl-rio-instr-**m** 1sg-ser/estar-sit
 ‘tenho o meu rio’, ou seja ‘sou chefe de aldeia’ (lit. ‘meu próprio rio com estou’)
- (50) **t-ëpi-je-m** **w-a-i**
 refl-remédio-instr-**m** 1sg-ser/estar-sit
 ‘aquele que recebe aplicação de formiga ou vespasdurante o ritual do maraké’

5. A admonestatividade expressa pela 3a. pessoa: *nai*

O índice de terceira pessoa é representado pelo prefixo **n-**, que se prende à cópula **-a-** > **n-a-i** (3-ser/estar-sit) e **-eha** > **n-eha** (3-ser/estar.passado), porém a construção em concomitância com T°, **n-a-i** (>3sg-ser/estar-sit) ‘ele é/está’, aparece nas orações «Y X-ser/estar»,

somente quando o elemento afixado por **tī-** **-he** for de origem verbal: **t-ë-he** (refl-comer-TAM) ‘está comido’ > **t-ë-he-m** (refl-comer-TAM-nzr) ‘comida’.

⁴⁸ A estrutura **tī-pata-ke-m** (refl-chefe-instr-**m**) ‘chefe’ só é usada quando referida a uma 3a. pessoa: **tīpatakem mēklē** ‘ele é (o) chefe’.

⁴⁹ Em Wayana, nem todas as construções com esta estrutura morfológica admitem a presença da cópula. **tī-pata-ke-m** ‘chefe (não necessariamente fundador da aldeia)’ é um exemplo (***tīpatakem wai**), construção usada para fazer referência à 3a. pessoa: **ënīk mēklē** (quem/ele) ‘quem é ele?’ **Kulu Muli tīpatakem Amaipotī** ‘É Amaipotī, o chefe de Kulu Muli’. O Aparai, por exemplo, já admite: **tīpatakem ase** ‘sou o chefe da aldeia’

apresentando, características semânticas particulares, como a de um admonestativo⁵⁰. Com ela, chama-se a atenção sobre a informação que se transmite. Tomemos, por exemplo, o enunciado abaixo, produzido quando se vê crianças correr em direção ao rio. Neste caso, enuncia-se (51) para adverti-las de um perigo potencial, como a presença de sucuris (anacondas) no rio:

- (51) **ëkëi n-a-i**
 cobra 3sg-ser/estar-sit
 ‘cuidado com as sucuris’

O mesmo ocorre quando se está na beira do rio e sabe-se, por exemplo, da existência de árvores com grandes raízes que estão prestes a cair a qualquer momento. Enuncia-se:

- (52a) **wewe n-a-i**
 árvore 3sg-ser/estar-sit
 ‘cuidado com as árvores, ouviu?’

O interlocutor atencioso prestará atenção no local onde irá tomar banho, lavar a louça ou brincar com as crianças. Estas construções « sintagma nominal-cópula » são empregadas no falar Wayana do Brasil, ao passo que são recusadas no falar Wayana da Guiana Francesa. Nesta região, o enunciado (52a) sera construído como em (52b), requerendo uma construção verbal:

- (52b) **wewe n-a-i ë-mïmpalëme-i**
 árvore 3sg-ser/estar-sit [3A>]2P-machucar.hab-sit
 ‘cuidado com as árvores, você vai se machucar!’ (lit. ‘cuidado, tem árvores, elas te machucam!’)

A cópula marcada pela 3a. pessoa também aparece em um enunciado no qual a cópula se apresenta uma segunda vez e é marcada por outras pessoas. Nestes enunciados, o valor admonestativo é incontestável e a construção **nai** poderia ser interpretada como uma lexicalização, como indicam os exemplos abaixo. Em (53a), o enunciador pede a seu co-enunciador que se dirija a ele com mais respeito, pois ele é o professor da aldeia e goza de uma certa autoridade. Com (53b), o enunciador enuncia que ali, onde se encontra, não é o seu local de origem ou de habitação o que lhe impede de reagir ou de manifestar sua opinião quando de um conflito local, por exemplo, mas pode exigir respeito justamente por ser de ‘fora’.

- (53a) **ëpatën n-a-i w-a-i**
 professor 3sg-ser/estar-sit 1sg-ser/estar-sit
 ‘atenção, eu sou o professor (e respeito é bem-vindo quanto à minha pessoa)’

⁵⁰ Em seu estudo sobre o Tiriyó, Meira (1999:317) assinala um admonestativo com os sufixos **-ne(ne)**, **-je(pe)**.

- (53b) **talon tapek n-a-i w-a-i**
 aqui neg 3sg-ser/estar-sit 1sg-ser/estar-sit
 ‘olhe, cuidado (com o que fala, você sabe muito bem que) não sou daqui’

No caso de Y estar sufixado do locativo **-pëk**, que remete a uma atividade, na construção em (54), o enunciador serve-se de **nai** enquanto fonte de informação:

- (54) **kanawa-pëk n-a-i**
 canoa-loc 3sg-ser/estar-sit
 ‘olha ! ele está trabalhando na canoa (eu o vi indo lá onde está a canoa dele)’

Combinação de nai com partículas e dêiticos.

A partícula **man** de valor existencial e epistêmico marca enunciados na 3a. pessoa e aparece nos enunciados que são concomitantes com o tempo de enunciação, marcando predicados nominais e também verbais. No caso dos nominais, **man** entra em combinação com a cópula conjugada na 3a. pessoa, empregada com a acepção semântica de um admonestativo **man nai**. Em (55), trata-se de uma advertência às regras internas do grupo, a qual deve ser seguida pela pessoa de quem se fala (o professor).’ Por exemplo, o professor pode tirar férias, mas é dever dele retornar para assumir o compromisso que tem com o grupo⁵¹:

- (55) **ëpatën man n-a-i**
 professor existir 3sg-ser/estar-sit
 ‘olha, ele é o professor, mas que tenha cuidado’

Em uma oração complexa, a combinação **man nai** requer a leitura epistêmica:

- (56a) **ëpaten man n-a-i uwamela**
 professor existir 3sg-ser/estar-sit doente
 ‘cuide dele, parece que o professor está doente’ (lit. parece o professor, cuidado, está.doente)

A ordem inversa da seqüência, **nai man**, também é usada, e parece remeter a uma focalização:

- (56b) **ëpatën n-a-i man t-umëk-he**
 professor 3sg-ser/estar-sit existir 3-chegar-he
 ‘olhe, é o professor quem chegou. Respeito com ele !’ (lit. atenção tem o professor, parece, ele.chegou)

⁵¹ Este enunciado é bastante corrente, tanto no Paru como no Litani, onde os professores não-índios saem de férias e demoram a regressar, muitas vezes não regressando mais. Com este enunciado, o enunciador faz uma advertência, informando que o professor em questão deve permanecer na aldeia/região algum tempo, fazendo o trabalho dele e, também é melhor que ele não se meta em encrenca, pois a função dele é lecionar e só.

Em (57), o enunciador faz uma advertência ao co-enunciador, para que este não se meta com o professor. Ao assumir o que enuncia, o pronome anafórico **mëklë** intervém:

- (57) **ëpatën n-a-i mëklë**
 professor 3sg-ser/estar-sit ele
 ‘olha lá, ele é professor (e é melhor não falar mal dele. Ele está à trabalho)’

6. Mudança na percepção aspecto-temporal

Dentre as relações predicativas analisadas acima, algumas delas apresentam variações aspecto-temporais conforme a referência enunciativa concomitante ou não com T° . Essa mudança de percepção de estado na relação predicativa aparece, por exemplo, quando Y é indicado pelos dêiticos espaciais **talon** '(d)aquí' e **hei(elon)** 'lá' que, em concomitância com T° , são caracterizados por uma relação de identificação com o local, marcado pelo estado permanente. Porém, quando não concomitantes com T° , eles são caracterizados por uma relação de atribuição, especificada pelo estado contingente, **-me**.

<i>concomitante com T°</i>		<i>não concomitante com T°</i>	
<i>identificação com o local</i>		<i>atribuição ao local</i>	
-a-		-eha-ø	-eha-ken
(58)	a. talon w-a-i ‘sou daqui’ ‘moro aqui’	b. talon-me w-eha-ø ‘era daqui’ (*talon weha)	c. talon-me w-eha-ken ‘fui daqui’
(59)	a. talon tapek w-a-i ‘não sou daqui’, ‘não moro aqui’	b. talon-me-la w-eha-ø ‘não era daqui’	c. talon-me-la w-eha-ken ‘não fui daqui’

No caso do dêitico **talë** ‘aquí’, que, como **talon**, também expressa a acepção semântica de ‘morar’, ‘habitar’, « X se atribue a propriedade de estar no local Y » cuja relação predicativa é caracterizada pelo estado contingente em qualquer referencial temporal:

<i>atribuição</i>			
<i>concomitante com T°</i>	<i>não concomitante com T°</i>		
-a-	-eha-ø	-eha-ken	
(60)	a. talë w-a-i ‘estou aqui’ ‘moro aqui’	b. talë w-eha-ø ‘era daqui’ ‘morei aqui’ (*talë me weha)	c. talë w-eha-ken ‘fui daqui’ ‘morei aqui’
(61)	a. talë-la w-a-i ‘não sou daqui’ ‘não moro aqui’	b. talë-la w-eha-ø ‘não era daqui’ ‘não morei aqui’	c. talë-la w-eha-ken ‘não fui daqui’ ‘não morei aqui’

Em concomitância com T° , a relação de inclusão é marcada pelo estado permanente (62), relação que passa ao estado contingente quando a

referência temporal é anterior a T° , requerendo impreterivelmente o sufixo de estado evolutivo **-me**:

<i>concomitante com T°</i>		<i>não concomitante com T°</i>	
<i>inclusão</i>		<i>atribuição</i>	
-a-		-eha	-ehaken
(62) INC L	a. ëpatën w-a-i 'sou professor' a'. ëpatën tapek w-a-i 'não sou professor'	b. ëpatën-me w-eha-ø 'fui professor' ⁵² *ëpatën w-eha	c. ëpatën-me w-eha-ken 'fui professor' *ëpatën wehaken
(63) ATR	a. ëpatën-me w-a-i 'estou me tornando professor' a'. ëpatën-me-la w-a-i 'não me torno professor'	b. ëpatën-me-la w-eha-ø 'não era professor'	c. ëpatën-me-la w-eha-ken '(nunca) fui professor'

7. Síntese

A análise apresentada permitiu mostrar diferentes relações predicativas estabelecidas entre dois elementos nominais « X e Y ». Vimos ainda que a predicação nominal, marcada pela cópula, expressa valores aspectuais de estado por meio de dois operadores de negação : **tapek** e **-la**. Com **tapek** remete-se à propriedades intrínsecas do elemento Y ; com o sufixo **-la**, atribui-se a X uma propriedade de Y. Um outro operador de negação intervém somente nas construções de pertencimento. Trata-se do privativo **mna** 'sem' que, diferentemente dos dois operadores de negação, não expressa nenhum valor aspectual de estado. Além disso, as orações que remetem a um local indicam diferentes campos da localização que se situam tanto na relação de identificação como na relação de atribuição, sempre atestadas pelos operadores de negação **tapek** (identificação) e **-la** (atribuição). Todavia, os valores aspectuais subjacentes podem ser apreendidos pela escolha lexical do elemento Y, como ilustram os lexemas **ëile** 'ser.bravo' e **eile** 'estar.bravo' que, distintos fonologicamente pelas vogais média anterior /e/ e média central /ë/ em posição inicial de sílaba, remetem a uma propriedade intrínseca e a um atributo respectivamente.

No falar Wayana contemporâneo, a cópula apresenta uma supleção que codifica aspecto-tempo, a saber : a forma lexical **-a** aparece somente em concomitância com o ato enunciativo. A forma **-eha-**, por sua vez, remete a anterioridade do ato enunciativo. Ela é especificada por dois

⁵² Tal estrutura indica que o enunciador, por exemplo, substituiu o professor naquele dia. Foi 'professor' temporariamente. A construção marcada pela 3a. pessoa **n-eha** tem maior aceitação pelos falantes (**ëpatën neha** 'ele foi professor').

valores aspecto-temporais com os quais o enunciador expressa a sua relação com o estado no passado. Com um dos valores, não materializado fonicamente, o enunciador exprime estar ligado com o estado no passado e com o outro, marcado por **-ken** (e **kun-...-k**), expressa, ao contrário, estar desligado desse estado. No que concerne a forma **-a-**, esta recebe apenas o sufixo **-i**, que venho interpretando como um morfema modal de valor epistêmico.

Abreviaturas

adj(etivizador)	neg(ação)
atr(ibutivo)	nome.(de)ag(ente)
A(specto)T(empo)M(odalidade)	nzr (nominalizador)
excl(usivo)	plural (pl)
evol(utivo)	refl(exivo)
hab(itual)	singular (sg)
imper(ativo)	sit(uativo)
incl(usivo)	subst(antivo)
instr(umental)	1a. primeira pessoa
loc(ativo)	2a. segunda pessoa
mod(alidade epistêmica)	3a. terceira pessoa

Bibliografia

AMODIO E. & V. PIRA

S/ data Língua makuxi, Makusi Maimu (s/editor).

BENVENISTE, Emile

1966 Être et avoir dans leurs fonctions linguistiques, *Problèmes de linguistique générale*, Paris: Gallimard, pp. 187-207.

CAMARGO, Eliane

1996 Le système phonologique du wayana, *Amerindia* 21, Paris: AEA, pp. 115-136.

2000 Une interaction entre localisation et aspect. Un exemple de *-pëk{ë}* et *ja/e* en wayana. *Amerindia*, 25, Paris: AEA, pp. 1-22.

2002 L'ordre des constituants en wayana. Langue amérindienne du plateau guyanais. Donabédian A. & Xu Dan (eds), *L'ordre des mots*, Cahiers de Linguistique de l'INALCO (3), Paris: INALCO, pp. 147-168.

2003a A representação do tempo em wayana : predicação e aspecto-temporalidade, Dissertação de Pós-doutoramento, DA-FFLCH-USP.

2003b Operadores aspectuais de estado, associados ao nome Wayana. Rodrigues, A. D. & Cabral, A. S. A. C, *Estudos sobre línguas indígenas II*, Brasília: Editora da UnB.

DESCLES, Jean-Pierre

1987 Réseaux sémantiques: la nature logique et linguistique des relateurs, *Sémantique et intelligence artificielle*, Langages (87), Paris: Larousse, pp. 55-77.

1989 State, event, process and topology, *General Linguistics*, 29/3, University Park and London: Pennsylvania State University Press, pp. 159-200.

1990 *Langages applicatifs, langues naturelles et cognition*, Paris: Hermès.

DESCLES Jean-Pierre & Zlatka GUENTCHEVA

1997 Aspects et modalités d'action. Représentations topologiques dans une perspective cognitive, *Études cognitives*, 2, Varsovie: SOW, pp. 146-173.

GILDEA, Spike

1998 *On Reconstructing Grammar. Comparative Cariban Morphosyntax*, Oxford Studies in Anthropological Linguistics, Oxford: Oxford University Press.

GIVON, Talmy

1984 *Syntax. A functional-typological introduction*, Amsterdam : John Benjamins Publishing Company.

HAWKINS, R.

s/data Gramática da língua uaiuai, MEVA (s/editor).

JAKSON, Walter

1972 A Wayana Grammar, *Languages of the Guianas*. In J. Grimes (ed.), SIL, University of Oklahoma, pp. 47-77.

JONG-CHUL Soh

1996 L'acte de voir face au monde réel, *Langage, cognition et textes*, vol. 1. Paris/Seoul, pp. 47-84.

KOEHN Edward & Sally KOEHN

1986 Apalai, Derbyshire. In D. & Pullum G. (eds), *Handbook of Amazonian Languages*, vol 1. pp. 33-127.

LYONS, John

1977 *Semantics* (vol. 2), London, New York, Melbourne: Cambridge University Press.

MEIRA, Sergio

1999 A grammar of Tiriyo, Rice University, PhD. Thesis.

PACHECO, Frantomé

2001 Morfossintaxe do verbo ikpeng (karíb). Tese de doutoramento, Campinas: Unicamp.

POTTIER, Bernard

1984 *Linguistique générale. Théorie et description*. Paris : Klincksieck.

1996 Les parcours mentaux des événements : la syntaxe au service de la sémantique, *Langage, Cognition et textes*, vol. 1, Paris/Seoul, pp. 107-119.